

Apresentação

A Geografia, enquanto ciência, de maneira geral, reúne uma pluralidade de métodos e temas que a configuram como leitura de mundo das mais ricas e complexas. Na mesma direção a Geografia Brasileira, em particular, pelo seu desenvolvimento e profundo envolvimento com as transformações mundiais e em seu próprio território, ao longo dos anos, vive uma fase de profusão de trabalhos e reflexões críticas, que respondem a estas transformações e seus reflexos territoriais em suas diversas escalas. Esta reflexão crítica se está espelhada em Estudos Geográficos – Rio Claro - Revista Eletrônica de Geografia.

Esse volume reúne seis artigos que podem ser tratados como: Território Rural, Educação, Representação Cartográfica e Estado e Geopolítica. O primeiro tema abarca questões relacionadas aos processos de comercialização agrícola e seus efeitos sobre a estrutura produtiva, inclusão e ou exclusão socioprodutiva de agricultores. Destaca-se que é na agricultura que se visualiza com propriedade as articulações entre circuitos inferiores e superiores da economia, muitas vezes revelando que seus fluxos nas relações entre os circuitos apresentam características inversas das mercadorias industrializadas. Processos de comercialização que respondem por trajetórias de insucesso econômico de pequenos agricultores.

Nesta linha de análise depara-se com a necessidade de compreendermos os arranjos institucionais e de estruturas oligopsônicas que se estabelecem, nestes mercados, no atual estágio de monopolização do território brasileiro.

O segundo tema aborda a questão das trajetórias das políticas neoliberais implementadas pelo Estado brasileiro e seus reflexos sobre a estrutura universitária e o trabalho docente, como forma de compreender fenômenos como o produtivismo acadêmico, a desarticulação sindical e seus desdobramentos sobre a formação docente, o trabalho e a qualidade de ensino, entre outros.

O terceiro tema, a Representação Cartográfica, reúne uma precisa articulação ao debate anterior. Ao partirmos do pressuposto de que a representação cartográfica se consubstancia em uma linguagem e que professa internamente estruturas estruturadas ou estruturantes, bem como, considerando que sua conformação e aceitação, e ou resistência, se relaciona a discursos hegemônicos, como o neoliberal, assim também esta linguagem se caracteriza como instrumento de dominação. A representação cartográfica, como linguagem, expressa a geograficidade de sujeitos e fenômenos, sua indicação de “lugar” amplia-se em relação à localização física no espaço, ganhando uma dimensão de “localização” social e histórica.

O último tema trata, especificamente, do papel do Estado Brasileiro e a atuação dos Governos no âmbito das relações e das transformações territoriais e geopolíticas ocorridas na América Latina nos últimos anos. Transformações que engendram processos de integração regional, articulação entre Estado e capitais, e que suscitam, dado o papel das empresas e organizações, reflexões sobre o subimperialismo e o expansionismo econômico brasileiro.

Desta forma, o primeiro artigo deste número se refere à investigação de Diana Mendonça de Carvalho e José Eloízio da Costa, pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe, que se intitula Estruturas de comercialização de

hortifrutigranjeiros em Itabaiana/SE. O trabalho traz uma análise dos mercados varejistas e atacadistas, reunindo seus efeitos sobre os fluxos de produtos e as estruturas produtivas e de comercialização.

Uma análise sobre as respostas de pesquisadores aos processos de exclusão socioprodutiva de citricultores no estado de São Paulo, se consubstancia no artigo apresentado por Julio Cesar Bellingieri, Ana Claudia Giannini Borges e José Gilberto de Souza, doutorando e docentes, respectivamente, do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Unesp. Rio Claro.

A educadora Áurea Carvalho Costa, do Instituto de Biociências – Unesp. Rio Claro, apresenta, no artigo Educação e neoliberalismo no ensino superior brasileiro: as estratégias adaptativas para os educadores nas universidades públicas, uma reflexão crítica acerca das estratégias de imposição do Estado brasileiro e da sociedade civil às universidades públicas brasileiras à aceitação de padrões internacionais e que repercutem na precarização do trabalho, na perda de autonomia e criticidade, refletindo em um produtivismo que atinge a qualidade formativa de professores e de sua produção intelectual.

O quarto artigo se refere às análises de Ângela Massumi Katuta acerca da Representação Cartográfica como linguagem e seus processos discursivos de dominação: As imagens na Geografia: coordenadas semióticas para a compreensão da ordenação dos lugares. A geógrafa, docente da Universidade Federal do Paraná (Setor Litoral) conclui que as linguagens de maneira geral devem compor o universo de formação dos geógrafos, reconhecendo as manifestações artísticas para além de padrões específicos, reconhecendo a necessidade da Geografia “a existência do contra-espço, portanto, da diferença, da heterogeneidade, de geograficidades outras construídas pelos grupos sociais cujo *habitus* se contrapõe à espacialidade hegemônica do modo capitalista de produção”.

O pesquisador da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, Fabricio Gallo, em seu artigo intitulado Território usado e modernização seletiva nos territórios nacionais sul-americanos: a ação geopolítica do Estado brasileiro através de convênios entre o BNDES e a ALADI, apresenta uma análise sobre os processos de investimentos em sistemas de engenharia nos territórios nacionais sul-americanos, destacando que se consolida uma implantação seletiva de macrossistemas técnicos promovida por empresas brasileiras, que atende a interesses dos governos nacionais, mas se realiza sob o imperativo da aceleração dos fluxos de lucratividade das grandes empresas e corporações globais.

Encerra este volume, uma segunda análise vinculada ao tema Estado e Geopolítica, realizada por Angelita Matos Souza. Em Breves notas sobre os governos Lula a docente do Instituto de Geociências e Ciências Exatas Unesp. Rio Claro, reflexiona sobre o denominado novo desenvolvimentismo dos governos Lula, com destaque à política de incentivo à conglomeração econômica, ao expansionismo e à integração regional na América Latina.

Reunimos, portanto, um conjunto de trabalhos que permite diversas análises e se coloca como referência teórica e metodológica, como forma crítica de leitura dos processos econômicos e suas determinações territoriais, bem como se apresenta como reflexão acerca dos modelos de políticas e as representações possíveis que podem ser construídas como linguagens de dominação e ou de emancipação social.

Por último, reitero meus agradecimentos ao Prof. MSc. Dorival Borelli Filho pelas atividades de editoração de nossa revista, ajusta inestimável, sem a qual não teríamos atualizado esta revista ao longo de um ano de muito trabalho.

Prof. Dr. José Gilberto de Souza
Editor Chefe